



GIRO PELO
RIO GRANDE

on-line

A SOCIEDADE PÓS-PANDEMIA: ECONOMIA E COMPORTAMENTOS

ebook

Com
Luiz Felipe Pondé e Marcelo Portugal



Fecomércio RS
Sesc | Senac

COMO SERÁ O CENÁRIO PÓS-PANDEMIA?



Luiz Carlos Bohn
Presidente da Fecomércio-RS

Desde março deste ano, vivemos imersos na quarentena imposta por conta da Covid-19. A pandemia transformou hábitos: fomos ensinados a usar máscaras o tempo todo e a reforçar as práticas de higienização das mãos constantemente, além de manter o distanciamento social.

No âmbito econômico, assistimos a uma retração do PIB no primeiro trimestre do ano e, para as empresas do comércio de bens, serviços e turismo, sobreviver tem sido um desafio tanto por conta da situação de saúde quanto por decisões unilaterais tomadas pelo poder público.

Desde o início da quarentena, a Fecomércio-RS tem se posicionado ao lado dos empresários, colocando-se contra o fechamento do comércio que tanto precisa trabalhar, para que as pessoas também sobrevivam. O momento atual é de defesa dos negócios mas também de preparação para um futuro que está por vir. **Por isso, o tema do Giro pelo Rio Grande 2020 não poderia ser diferente: como será a sociedade pós-pandemia?**

Nossa proposta foi explorar dois vetores distintos da pandemia e da quarentena: a economia e o comportamento. Para tanto, trouxemos para o debate um economista e um filósofo. Confesso a vocês que estou muito apreensivo com a conjuntura atual. Na economia, o cenário negativo é óbvio para todos. Há uma forte recessão, uma elevação do desemprego e um crescimento inédito do endividamento público.

No dia a dia das empresas, houve também fortes mudanças comportamentais, especialmente no caso do comércio de bens, serviços e turismo. Nosso setor foi o mais afetado pela quarentena imposta pelo poder público em níveis estadual e municipal.

Essa é a essência dessa discussão: queremos compreender como será o Brasil pós-pandemia na economia, nos costumes e no mundo político.

Sobre os painelistas



Luiz Felipe Pondé
Filósofo

Filósofo, escritor, diretor do Laboratório de Política Comportamento e Mídia da PUCSP, professor da FAAP e colunista da Folha de São Paulo, onde aborda temas como comportamento, religião, ciências e muitos outros. Sucesso em vendas com seus cursos on-line e obras literárias já publicadas como o “Guia Politicamente Incorreto da Filosofia” (2012), que entrou para a lista dos livros mais comentados e vendidos do filósofo.

É graduado em Filosofia pela USP, onde também realizou seu mestrado em História da Filosofia Contemporânea, em conjunto com a Université de Paris VII, e obteve o doutorado em Filosofia Moderna na mesma instituição. Recebeu seu pós-doutorado em Epistemologia pela University of Tel Aviv, em Israel. Além disso, possui outros vínculos como professor convidado e pesquisador em diversas instituições.



Marcelo Portugal
Economista

Formado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e PhD em Economia pela Universidade de Warwick, na Inglaterra. Além da sua atividade acadêmica, atua também como consultor econômico de empresas e organizações.

Em 2012, foi escolhido “Economista do Ano” pelo Conselho Regional de Economia do Rio Grande do Sul (CORECON-RS) e, em 2014, recebeu da Câmara de Vereadores de Porto Alegre o título de “Cidadão Honorário de Porto Alegre”. Atualmente é professor titular de Economia na UFRGS, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e consultor da Fecomércio-RS.

Sobre o evento

Giro pelo Rio Grande 2020

Realização: Fecomércio-RS

Data do evento: 18 de agosto de 2020

Transmissão: Facebook e Youtube Fecomércio-RS

Abertura: Presidente da Fecomércio-RS, Luiz Carlos Bohn

Mediação: Gilmar Barcarol

Painelistas: Luiz Felipe Pondé e Marcelo Portugal

E-book

Produção: Núcleo de Marketing Fecomércio-RS/Sesc/Senac



**VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA O
CENÁRIO
ECONÔMICO POS-PANDEMIA?**

Análise de Marcelo Portugal

Macro e microeconomia: como a pandemia tem afetado esses dois aspectos?

O economista Marcelo Portugal abriu o **Giro pelo Rio Grande 2020** destacando dois pontos centrais relacionados à economia do Brasil que devem ser levados em consideração quando falamos em um momento pós-pandemia:

ASPECTOS MACROECONÔMICOS

- Atividade econômica (PIB)
- Contas públicas (déficit e dívida pública)



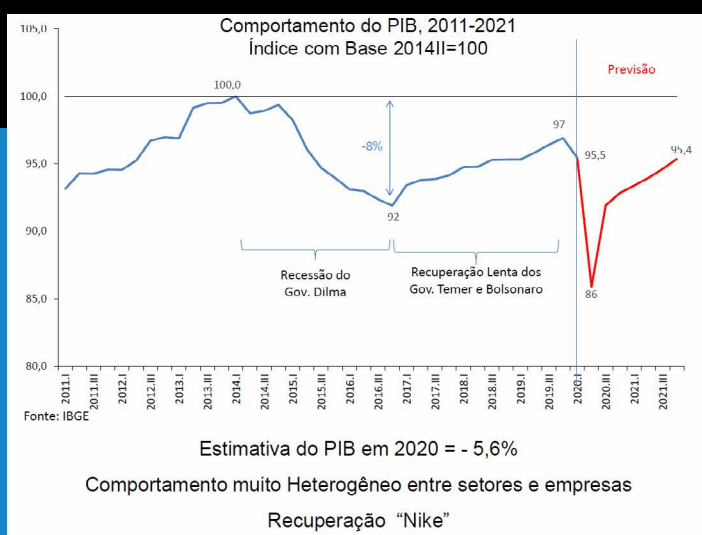
ASPECTOS MICROECONÔMICOS

- Competição
- Inovação

"Do ponto de vista macroeconômico, teremos um desemprego muito grande que ainda não apareceu. Isso ainda não está tão evidente porque muitas pessoas ainda não estão procurando emprego por conta da própria quarentena. Além disso, o custo da pandemia, em termos de dívida pública, será muito alto. Do ponto de vista microeconômico, vamos observar um aumento da competitividade e uma necessidade muito grande de inovação das empresas."

De olho no Produto Interno Bruto: PIB terá queda recorde para a economia brasileira.

Para fazer uma análise do PIB atual, é preciso um comparativo com os últimos anos. O melhor momento da economia brasileira é chamado de ponto "100", observado no ano de 2014. Em cada ponto do gráfico, a comparação é sempre feita com esse ponto "100".



"Observa-se que, depois de 2014, o Brasil entra em uma longa recessão nos anos do governo de Dilma Rousseff. O PIB afunda, chegando a ficar 8% abaixo do que era em 2014. Logo após, inicia-se uma lenta retomada nos governos de Temer e de Bolsonaro. O país já havia recuperado muito do que havia perdido, mas ainda estava 3% abaixo do nível de riqueza, comparado com o ano de 2014."

Aí veio a pandemia.

A economia afundou 1,5% no primeiro trimestre deste ano em comparação com o mesmo período anterior. No dia 1º de setembro, o IBGE divulga o resultado do segundo trimestre do ano.

"Minha expectativa é de queda de 10% no PIB: um recorde para a economia brasileira."

Mesmo no final de 2021, a perspectiva é que não tenhamos recuperado toda a perda de PIB acumulada nos primeiros trimestres de 2020.

A estimativa é que, em 2020, tenhamos uma perda de PIB de 5,6% comparada com o ano de 2019. Uma recessão muito forte - pior, inclusive, do que a observada no governo de Dilma Rousseff.



Recessão: setores diferentes, realidades distintas.

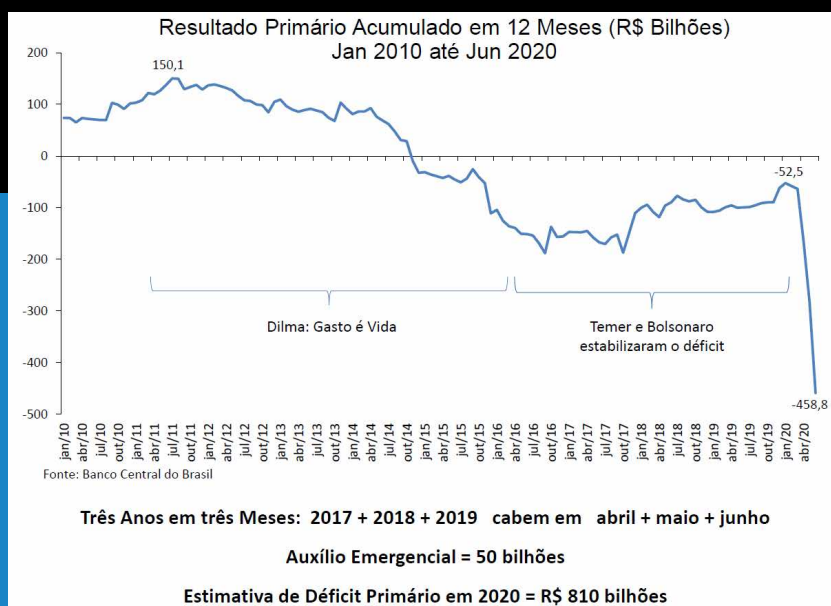
Precisamos observar que essa crise foi muito assimétrica e heterogênea. Ou seja, algumas áreas da economia sofreram muito mais do que outras. Analisando os três principais setores da economia - agro, setor de comércio e serviços e a indústria: o comportamento é totalmente distinto.

O agro está indo muito bem: não existe recessão e a perspectiva econômica é positiva. O comércio e a indústria encontram-se no meio do caminho. O pior desempenho realmente fica com o setor de serviços, inclusive pela proximidade que envolve o produtor e o consumidor e que foi afetada pela pandemia, o que é preocupante: **esse setor, juntamente com o comércio, é responsável pela maior parte da geração de valor na economia brasileira.**

Finanças públicas: déficit de 3 anos em 3 meses.

Nos últimos 12 meses, até junho deste ano, o déficit público brasileiro está na casa de 460 bilhões de reais. A dimensão da dívida é preocupante: para se ter uma ideia, **o déficit dos três últimos meses - abril, maio e junho - é maior do que déficit dos anos de 2017, 2018 e 2019 somados.**

Qual seria o principal fator responsável por isso? O auxílio emergencial é um dos grandes responsáveis por esse cenário, uma vez que ele custa em torno de **50 bilhões de reais por mês.**



Déficit conjuntural não pode se tornar um déficit estrutural.

Na visão de Portugal, o governo precisa ter cuidado para equilibrar a ajuda a quem precisa com as contas públicas. "De um lado é preciso ajudar as pessoas, mas, por outro lado, não podemos criar um déficit público que gere uma dívida impagável. Essa é a grande discussão que precisa ser feita hoje: se vamos ou não ultrapassar o teto da dívida pública. Furar o teto seria descontrole. A minha estimativa é que a gente vá chegar perto de 95% de dívida pública do PIB neste ano de 2020."

"Esses são os principais desafios do ponto de vista macroeconômico: fazer a economia voltar a crescer e, ao mesmo tempo, estabilizar o déficit público."

Aspectos microeconômicos: muita coisa vai mudar, mas nem tudo.

A pandemia terá sobre as empresas alguns efeitos que são permanentes, mas há vários efeitos que são totalmente de curto prazo e que, passado algum tempo, vamos voltar a fazer como fazíamos antes.

"O que a pandemia fez foi acelerar a adoção de tecnologias que já existiam e que não estávamos habituados a usar, como os aplicativos de chamada de vídeo. Ou seja, a quarentena catalisou alguns processos. Muitas empresas mudaram a forma de gerenciar seus estoques, de se comunicar com o consumidor e, em parte, isso vai ficar".

Em um curto prazo, vamos observar um aumento exponencial na competição entre as empresas, ocasionada pela diminuição do mercado: uma sociedade mais pobre compra menos e, comprando menos, o grau de competição aumenta. A tecnologia implementada por algumas empresas também fez e fará com que a competição fique mais acirrada.



Por isso, agilidade e flexibilidade.

As empresas que vão sair melhor dessa situação são as mais flexíveis e ágeis. Ou seja, são as empresas que rapidamente adaptaram-se à situação e buscaram alternativas de forma rápida. Aquelas que demoram para encontrar novos caminhos e novos produtos terão uma dificuldade muito grande de sobreviver nos próximos 6, 8 e 12 meses.

Se eu tivesse que dar um veredito final do efeito da pandemia nas empresas:

"A curto prazo, as empresas precisam ser mais ágeis e estarem preparadas para enfrentar essa competição que será muito cruel nos próximos meses e que vai gerar novas mortes dos negócios. A longo prazo, precisamos nos preparar para, de forma definitiva, usar novas tecnologias e esses novos processos catalisados pela pandemia."

COMO SERÁ O COMPORTAMENTO DAS PESSOAS POS-PANDEMIA?

Análise de Luiz Felipe Pondé

Entre 3 e 5 anos, não vamos mais lembrar dessa pandemia.

Foi com essa afirmação que Luiz Felipe Pondé abriu sua fala no **Giro pelo Rio Grande 2020**. Sim, nas palavras do próprio filósofo, essa é uma afirmação forte, mas muito embasada na história da humanidade. Vamos ver o argumento de Pondé sobre sua defesa do porquê não haverá mudanças no comportamento humano pós-pandemia.

Gripe espanhola matou muito mais que a Covid-19.

Ninguém se lembrava da gripe espanhola, sendo que foi muito mais letal do que essa. Tal fator é importante porque, quando observamos a história das epidemias e pandemias, vemos que as transformações que estas causam no comportamento humano estão diretamente relacionadas ao seu grau de devastação da humanidade. Ou seja, para causar grandes transformações - nos âmbitos técnico, científico ou mesmo no que chamamos de desigualdade social - é preciso matar muita gente. A afirmação é dura, mas é uma afirmação histórica.



Matéria publicada na Gazeta de Notícias sobre a gripe espanhola.

Textos publicados durante a gripe espanhola são muito similares a conteúdos atuais.

Há textos científicos de 1918, 1920 que, quando observados, poderiam ter sido escritos agora. Um exemplo é um trecho de um jornal 30 de maio de 1919, escrito por um cientista e sanitarista americano o qual falava da dificuldade de saber de onde vinha o vírus e para onde ele ia, assim como discussões sobre o uso ou não de máscaras.

Em uma publicação de 22 de outubro de 1918, em um jornal de Curitiba, o Secretário da Saúde do Paraná chamava a atenção para que as pessoas evitassem aglomerações. Também havia debates sobre fechar teatros, fechar comércio, quais cidades deveriam fazer lockdown ou não.

Assim como ocorreu uma normalização da vida após gripe espanhola - conforme a experiência histórica, sociológica e observação comportamental nos ensina - é provável que a humanidade siga o mesmo percurso que ela seguiu ao longo de milênios de experiências de pandemia.

Por que essa hipótese é importante?

Porque nos ajuda a reduzir um discurso de “novo normal”, de que tudo vai ser diferente. Esse discurso fala muito mais da superestimação que a nossa geração tem do nosso papel na história, do que, de fato, o que a história mostra para nós.

Essa ideia de que vamos entrar em um mundo novo pós-pandemia não corresponde. Fora a velocidade de fabricação de vacinas, aceleração da economia virtual, é muito provável que não haja uma grande diferença: **a humanidade não deve sair mais solidária, empática ou valorizando mais a família pós-pandemia.**

A pandemia deve causar problema de empregabilidade, perda de renda.

Passado o momento do auxílio emergencial, ela deve gerar um estresse na vida das pessoas. Mas, uma vez instalada a vacina, diminuído o número de mortos, a verdade é que dentro de 3 a 5 anos é muito provável que não se lembre muito da pandemia.

Ou seja, aquelas pessoas que falam de um novo normal têm uma grande chance de estarem equivocadas. Isso porque é provável que, lentamente, as pessoas percam a referência do momento da quarentena. Claro, pode haver mudança de hábitos: restaurantes talvez continuem a trabalhar com mesas mais afastadas, algumas empresas podem adotar o home office como uma prática, e a educação presencial pode assimilar a remota, criando um modelo híbrido.



Podemos esperar mudanças no mercado de trabalho.

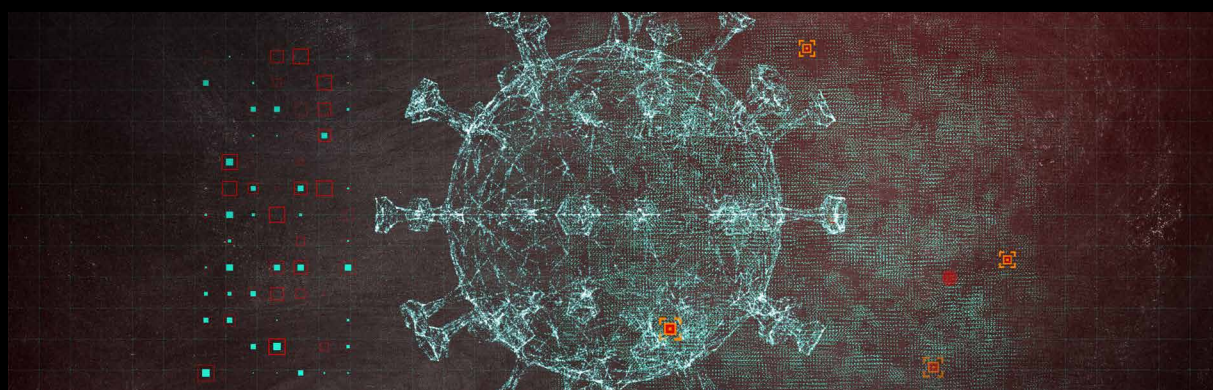
Com um aumento do trabalho virtual, home office e um conseqüente aumento do estresse familiar, ocasionado por esse borramento das fronteiras da vida profissional e pessoal, podemos esperar mudanças no mercado de trabalho. Esse é um fenômeno que já vinha acontecendo e que a pandemia acelerou.

A pandemia radicalizou a percepção do impacto que as redes sociais têm nas nossas vidas.

Observamos ruídos criados pelas redes sociais e pela mídia ao redor da pandemia, além das narrativas contraditórias, polarizações políticas e contradições da própria medicina.

Podemos aprender que estamos, sim, a mercê de novas pandemias.

Isso porque a circulação de pessoas aumenta cada vez mais no mundo, tornando-se um problema para a governança global. Mas **poderíamos dizer que a nossa humanidade está mais acostumada com pandemias e epidemias do que com smartphones e redes sociais.** O mundo contemporâneo perdeu muito a dimensão de ancestralidade da pandemia.



Não devemos tomar a nossa experiência presente como sendo a experiência determinante em termos do que vai acontecer no futuro.

Vacinas nunca foram produzidas em uma velocidade tão grande. Mas observando a história humana não há indício histórico, do ponto de vista comportamental, que pandemias mudem comportamentos morais do ser humano.

Uma prova é que, depois da gripe espanhola, que matou mais do que a I Guerra Mundial, aconteceu a II Guerra Mundial. Naturalizamos as mortes porque somos uma espécie acostumada a morrer, a ter um nível de vida muito ruim: quando eu falo em espécie, pensem em 250 mil anos de Sapiens Sapiens, que somos nós.

"Observando a história humana, não há indício histórico, do ponto de vista comportamental, que pandemias mudem comportamentos morais do ser humano."

Luiz Felipe Pondé

[Clique aqui](#) e conheça os serviços da
Fecomércio-RS.



Fecomércio RS

Sesc | Senac